

## SINTAXE E SEMÂNTICA DOS SINTAGMAS ADVERBIAIS (AdvPs) NO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

Paulo Pereira<sup>1</sup>

Revisito a temática da sintaxe adverbial, tema de grande entrave dentro dos estudos linguísticos, tanto sintáticos quanto discursivos e semânticos. Adotando a perspectiva teórica inatista da Linguística Formal, normalmente denominada de Sintaxe Gerativa, estudo o posicionamento e o ordenamento dos advérbios (sintagmas adverbiais) dentro da arquitetura da sintaxe das línguas humanas (línguas naturais). Para tanto, utilizo-me de dados da sintaxe da língua portuguesa brasileira como *corpus* de pesquisa. Dessa forma, defendo em tese que sintagmas adverbiais (advérbios) não funcionam sintática e semanticamente como adjuntos, mas sim são elementos sintáticos que se relacionam diretamente com as projeções funcionais da sentença das línguas naturais (Tempo, Modo, Modalidade, Aspecto, Número, Voz). Basicamente, dentro do âmbito da Linguística Formal, as propostas teóricas acerca da sintaxe adverbial podem ser divididas em duas grandes visões analíticas, a saber: as Teorias da Adjunção Baseada Semanticamente (TABS) e as Teoria dos Especificadores Funcionais (TEF). Compondo essas duas perspectivas teóricas, podem ser ressaltadas as seguintes teorias: as hipóteses de JACKENDOFF (1972), de POLLOCK (1989), de ERNST (2006), de LAENZLINGER (1998), de COSTA (1999) e de CINQUE (1999). A maior parte dessas teorias acerca da sintaxe adverbial fundamenta-se na perspectiva da adjunção baseada semanticamente, notadamente as propostas de JACKENDOFF (1972), ERNST (2006) e COSTA (1999). Por sua vez, o outro grande paradigma de análise da sintaxe adverbial denominada de Teorias dos Especificadores Funcionais é representado pela tese de LAENZLINGER (1998) e, sobretudo, pela tese de CINQUE (1999). Na dissertação de mestrado, após tecer uma revisão bibliográfica acerca de todas essas propostas formalistas de estudo da sintaxe adverbial, adotamos a tese de CINQUE (1999) de que os sintagmas adverbiais preenchem posições sintáticas de especificadores de diferentes projeções funcionais (de Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, Número e Voz). Essa tese é comumente denominada de Hierarquia Linear Universal (HLU). Nela, CINQUE propõe a existência de aproximadamente 32 projeções funcionais nas quais os sintagmas adverbiais preenchem a posição de argumento externo (especificadores). Essa proposta é, também, denominada de cartografia do IP, sendo que o IP é a camada na qual devem ocorrer, justamente, os núcleos funcionais do verbo e o licenciamento de traços argumentais tais como Caso e Concordância (*agree*), segundo RIZZI (1997). Nosso *corpus* de análise é composto pelos advérbios predicativos citados em ILARI *et al.* (1990) e os exemplos citados pelos autores lidos, além daqueles outros criados a partir da intuição de falantes nativos da língua portuguesa do Brasil. Na sua classificação semântica, ILARI *et al.* divide os advérbios predicativos de constituintes em quatro subclasses, a saber: qualitativos, intensificadores, modalizadores e aspectualizadores. Partindo, então, da HLU, é proposto posicionamentos sintáticos para os sintagmas adverbiais pertencentes a cada uma dessas subclasses semânticas. Com base na pesquisa desenvolvida, assim, argumentamos em prol da tese de CINQUE como hipótese teórica de maior poder de adequação explicativa para a explicação do posicionamento sintático dos sintagmas adverbiais nas línguas naturais. Nesta comunicação pretendo levantar questionamentos e mostrar alguns resultados parciais obtidos em meus estudos de mestrado finalizados e de doutorado que ainda se encontram em curso.

<sup>1</sup> Atualmente é professor auxiliar substituto da Universidade do Estado da Bahia, Campus X – Teixeira de Freitas. Doutorando em Letras e Linguística na área de Descrição e Análises Linguísticas pela Universidade Federal de Alagoas/CAPES. Mestre em Letras e Linguística na área de Descrição e Análises Linguísticas pela Universidade Federal da Bahia. É Ainda graduado em Letras Vernáculas (Bacharel e Licenciado) e Jornalismo pela UFBA. Contato: [paulorpereiras@gmail.com](mailto:paulorpereiras@gmail.com) ou [prpsantos@uneb.br](mailto:prpsantos@uneb.br)

**Palavras chaves:** Teoria Gerativa; Projeções funcionais; Hierarquia Linear Universal; Teoria da Gramática; Sintaxe adverbial.

## 1 – Introdução: panorama teórico e objetivo

Em perspectiva analítica bastante singular, CINQUE (1999, 2006a, 2006b, 2006c, 2006d) propõe que as projeções funcionais da sentença possuem um posicionamento sintático extremamente ordenado e hierarquizado dentro da arquitetura da sintaxe das línguas naturais<sup>2</sup>. Tal ordenamento rígido, denominado pelo autor de *Hierarquia Linear Universal* (HLU), está relacionado ao fato de que os núcleos funcionais sentenciais da sentença estão diretamente interligados à marcação das categorias verbais (seja esta morfológica, lexical ou puramente semântico-pragmática, sem nenhum elemento expresso em FF e/ou na sintaxe visível<sup>3</sup>), também chamadas de categorias funcionais. Assim, categorias verbais como Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, Voz e Número<sup>4</sup> seriam expressas pelas línguas através de um complexo e diversificado arcabouço de projeções funcionais disponíveis já na própria estrutura da GU humana<sup>5</sup>. Essa proposta teórica é conhecida, também, como cartográfica dentro dos estudos linguísticos gerativistas.

Além disso, CINQUE também afirma que os sintagmas adverbiais (AdvPs) seriam os argumentos externos ou especificadores (Spec) dessas projeções funcionais, opondo-se à tradição dos estudos linguísticos existentes acerca da sintaxe adverbial, que, comumente, define tais itens lexicais como vocábulos que são acrescentados a sentença já totalmente formada como adjuntos por meio da operação de adjunção à estrutura já existente (cf. JACKENDOFF, 1972; COSTA, 1999; LAENZLINGER, 1998, 2002).<sup>6</sup> Entretanto, para os objetivos deste artigo, a correspondência existente entre os AdvPs e as projeções funcionais

---

<sup>2</sup>Toda a cartografia de CINQUE para a periferia esquerda da sentença localiza-se no que (RIZZI, 1997) denomina de “camada de IP”, na qual se encontram, justamente, os núcleos funcionais do verbo e onde ocorre o licenciamento de traços argumentais tais como caso e concordância (*agree*).

<sup>3</sup>(*Narrow syntax*).

<sup>4</sup>Como veremos mais adiante, o conceito de Número verbal utilizado aqui difere qualitativamente daquele apresentado pelas gramáticas tradicionais normativas.

<sup>5</sup>Para CINQUE (1999), ao contrário do que é assumido por vários autores, as projeções funcionais da sua cartografia para Periferia Esquerda da sentença encontram-se sempre disponíveis em todas as sentenças de todas as línguas naturais. O fato de nem sempre tais projeções terem seus núcleos preenchidos explica-se, segundo o autor, pelos opcionais valores binários *default* ou marcado para cada núcleo (Cf. Tabela da cartografia do IP estendido de CINQUE nos anexos deste artigo, pág.22).

<sup>6</sup>Para argumentar a favor desta, CINQUE propõe alguns testes sintáticos, como a livre movimentação do participio passado passivo e, também, do participio passado ativo italiano<sup>6</sup> por entre os AdvPs presentes (cf. CINQUE, supra, pág.44) através da operações *mova e merge* (CHOMSKY, 1999 ).

não serão abordadas pormenorizadamente aqui.<sup>7</sup> Nosso objetivo aqui, no texto presente, é o de apresentar as categorias verbais relacionando-as aos núcleos funcionais da sentença, demonstrando novas possibilidades analíticas de se pensar a sintaxe numa correlação mais estreita com a Semântica (na denominada interface Semântica – Sintaxe).

## **2 - As projeções funcionais sentenciais das línguas naturais: o percurso teórico-metodológico**

CINQUE (1999, pág.77) argumenta a favor da existência de diversas projeções funcionais dentro da arquitetura sintática das línguas naturais. Essas projeções estão interligadas de maneira direta com os morfemas, afixos, partículas auxiliares e partículas funcionais verbais existentes que ocorrem nas sentenças das línguas. Todos esses elementos linguísticos relacionam-se com a marcação funcional das categorias de Tempo, Aspecto e Modo verbais (categorias TAM), ou, ainda, com as categorias de Voz e Número. É com base na análise da marcação funcional nas línguas naturais, que é realizada por meio daqueles elementos linguísticos ligados às categorias verbais, que CINQUE estipula quais núcleos funcionais (X°) devem ser postulados em sua HLU. Isso que dizer que todos os núcleos funcionais apresentados por ele na sua hipótese estão inter-relacionados àquelas categorias verbais vistas anteriormente, notadamente as categorias TAM, mas, também, ainda, menos frequentemente, a de Número e Voz. Assim, segue-se uma sucinta apresentação das projeções funcionais da HLU.

A primeira projeção funcional de modo <sup>8</sup> proposta por CINQUE é a ligada aos atos de falas<sup>9</sup> (no original, *Speech act mood*). Esses atos de falas marcam, basicamente, a força ilocucionária da sentença. Desse modo, uma língua pode distinguir os modos das formas verbais declarativas de interrogativas e de formas imperativas. Geralmente, segundo CINQUE, esses sintagmas ocupam a posição de núcleo mais alta dentro do “espaço do IP” e,

<sup>7</sup>Convido o leitor interessado em saber mais sobre a correlação existente entre os sintagmas adverbiais e as projeções funcionais da sentença das línguas naturais a ler minha dissertação (tese) de mestrado realizada defendida no Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia, em maio de 2011.

<sup>8</sup> Segundo CINQUE (1999), o modo se diferencia da modalidade pelo fato de que, apesar de ambas as características do sistema verbal das línguas naturais expressarem a opinião ou atitude do falante em relação à proposição, a primeira o faz comumente através da morfologia verbal, enquanto a segunda o faz, normalmente, através de palavras tipicamente independentes, como o uso de verbos e auxiliares, ou, ainda, de afixos e partículas.

<sup>9</sup> Para uma discussão intensa dos atos de falas das línguas naturais sobre o prisma da Filosofia da Linguagem, o que foge ao nosso objetivo central aqui, ver (SEARLE, 1981).

também, a posição mais alta dentro do esquema hierárquico que ele propôs. Ex: *Francamente*, eu não poderia falar sobre isso para ninguém.

A segunda projeção funcional de modo (Mood)<sup>10</sup> seguinte àquelas ligadas aos atos de fala é a de modo avaliativo (Mood *evaluative*). Essas, geralmente, são expressas nas línguas por meio de morfemas presos (sufixos) ou por morfemas livres (modais ou partículas). O modo avaliativo não afeta o valor de verdade da proposição, mas expressa a avaliação do falante (ex: positiva, negativa ou outra qualquer) acerca do estado de negócios descritos nela, constituindo-se, portanto, num modo epistêmico. Ex: *Lamentavelmente*, ele foi denunciado colando no exame final.

O modo evidencial (Mood *evidential*), que é o seguinte ao avaliativo, de outro lado, expressa o tipo de evidência que o falante tem da sua asserção ou sentença. Normalmente, esse modo é expresso nas diferentes línguas por meio de afixos verbais, auxiliares modais ou partículas independentes. CINQUE aponta que algumas línguas têm sistemas de marcação evidencial bastante elaborados e complexos, chegando a marcar cinco ou seis diferentes distinções avaliativas, como por exemplo, em concordância se o falante tem testemunhado visualmente o estado, evento ou processo descrito na sentença, se possui somente evidência auditiva ou sensoria ou de outro tipo qualquer, se tem ouvido a declaração de mais alguém, ou, ainda, se tem evidência reveladora (como um sonho ou premonição), ou se é baseado em sua própria experiência prévia anterior. Ex: Ele disse, *obviamente*, toda a verdade sobre o assunto.

Após o modo evidencial, segue-se o modal epistêmico (Mod *epistemic*). Como já vimos, o modo epistêmico, diferentemente do alético, que expressa verdades possíveis ou necessárias, é aquele que marca o grau de confiança do falante acerca da verdade da proposição baseada no tipo de informação que ele/ela tem. Ex: *Provavelmente*, ele já pagou aquela conta vencida há cinco dias.

Seguidamente aos modos visualizados acima, temos as projeções nucleares interligadas à categoria de Tempo. CINQUE compreende Tempo (*Tenses*) como uma relação

---

<sup>10</sup> CINQUE utiliza-se das siglas *Mood* para os núcleos de modo/maneira e *Mod* (do inglês *modals*) para os núcleos modais/modalizadores.

entre entidades temporais (*times*)<sup>11</sup>, adotando perspectiva já proposta antes dele por (REICHENBACH, 1947, *apud* CINQUE, *supra*).

Outro ponto de vista teórico adotado por CINQUE, é aquele que propõe que se dividam os tempos verbais (*Tenses*) como ocupantes de ao menos três núcleos funcionais temporais (T°) diversos, cada um ocupando uma posição própria específica dentro da HLU dos núcleos funcionais das sentenças. Dessa forma, ao invés de se ter um único núcleo para hospedar a categoria de Tempo, tem-se, pelos menos, três núcleos como em esquema sugerido por (GIORGI e PIANESI, 1991, 1997; ZAGONA, 1988, *apud* CINQUE, *supra*, pág.83):

[... [T1 (Passado)... [T2 (Futuro)... [T3 (Anterior/ “Presente”)... V ] ] ]

Contudo, segundo CINQUE, enquanto o T(*Past*) e o T(*Future*) ocorrem exatamente nessa ordem e nas posições precisas precedidos dos Mood *evaluative* e Mood *evidential*, T(*anterior*) ocorre um pouco mais adiante entre os núcleos aspectuais que mais a frente serão abordados.

Após os núcleos de modo ligados aos tempos verbais passado e futuro, exatamente nessa ordem, segue o núcleo de modo *irrealis* (Mood *irrealis*). A distinção entre modo *realis* e *irrealis* traduz-se pelo antagonismo existente, respectivamente, entre os modos Indicativo *vs.* Subjuntivo na língua portuguesa. Assim, o modo *realis* expressa ações concretas, reais, verídicas, cuja existência é um fato certo não passível de contestação; enquanto o modo *irrealis* expressa ações não concretas, não-verídicas, cujo caráter de realidade é um fato ainda passível de contestação, podendo tornar-se real ou não. CINQUE aponta que o modo *irrealis* é usado quando o falante não sabe ou não tem conhecimento bastante suficiente para afirmar se a proposição é verdadeira ou não. Podemos exemplificar, respectivamente, o modo *realis* (sentenças a, c, e) e *irrealis* (sentenças b, d, f) na língua portuguesa logo mais a seguir:

Ex:

- a. Espero por um carona que me *leva* até meu bairro.
- b. Espero por uma carona que me *leve* até meu bairro.
- c. Quero me casar com uma baiana que *sabe* dançar.

<sup>11</sup>Essa proposta, como já dissemos, foi esboçada por (REICHENBACH, 1947, *apud* CINQUE, *supra*) em oposição ao tratamento do tempo como operadores lógicos. Os dois pontos de vista, conjuntamente, apresentam a divisão tradicional clássica de uma “teoria dos tempos”, segundo CINQUE. Outra diferenciação importante a ser ressaltada aqui, é sobre a diferenciação existente em língua inglesa entre *Tense* e *Time*. O primeiro remete-se aos tempos verbais especificadamente (por exemplo, passado, presente, futuro, pretérito-mais-que-perfeito ou futuro do pretérito, em língua portuguesa), enquanto o segundo trata do tempo de forma genérica, como entidade subjetiva de divisão espacial criada pelo homem e parâmetro da existência humana.

- d. Quero me casar com uma baiana que *saiba* dançar.
- e. Ele falou que você *diz* a verdade.
- f. Ele falou que, talvez, você *dissesse* a verdade.

Depois do modo *irrealis* vem o núcleo de modalidade alética (*alethic modals*). Dois núcleos representam a modalidade alética na estrutura da sentença: o núcleo modal de necessidade (Mod<sub>alethic necessity</sub>) e o núcleo modal de possibilidade (Mod<sub>alethic possibility</sub>). Segundo CINQUE, estes núcleos ocorrem nessa mesma ordem entre os advérbios epistêmicos anteriormente colocados e o que ele chama de modalidade raiz (*root modality*<sup>12</sup>). Os dois núcleos funcionais aléticos posicionam-se seguidamente abaixo dos núcleos de modo ligados ao tempo futuro e passado, que precedem o núcleo *irrealis* anterior. Respectivos exemplos são: a) Vocês *necessariamente* têm de ir conosco; b) *Possivelmente*, vocês terão de ir comigo.

Os núcleos de modalidade raiz vêm logo após os núcleos de modalidade alética acima. Da mesma maneira que estes últimos, os núcleos de modalidade raiz também apresentam subdivisões. Assim, temos os núcleos de modalidade raiz de volição (Mod<sub>volition</sub>), de obrigação (Mod<sub>obligation</sub>) e de habilidade/permissão (Mod<sub>ability/permission</sub>). Estes núcleos aparecem exatamente nessa ordem Mod<sub>volition</sub> > Mod<sub>obligation</sub> > Mod<sub>ability/permission</sub>. Respectivamente, e.g.: *intencionalmente*; *inevitavelmente*; *desajeitadamente*. Porém, alguns núcleos aspectuais (Asp°), que serão os próximos a tratar, ocorrem entre eles.

Mais abaixo dos núcleos funcionais de Modo, de Tempo, de modalidade epistêmica e de modalidade alética acima apresentados vêm os núcleos funcionais de Aspecto (*aspectual heads*) que são ligados diretamente a categoria verbal de Aspecto explanada um pouco mais atrás em nosso texto. Os núcleos aspectuais apresentam várias subdivisões, compondo-se de várias subclasses e constituindo-se no maior grupo dentro todos os já ditos. Dessa forma, CINQUE propõe a existência dos seguintes núcleos funcionais aspectuais<sup>13</sup>, assim classificados de acordo com o Aspecto verbal expresso:

<sup>12</sup>Os núcleos da modalidade raiz (*root modality*), segundo CINQUE, ocupam posições mais baixas que os núcleos epistêmicos na estrutura sentencial dentro de sua Hierarquia Universal Linear das Projeções Funcionais. Além disso, a modalidade raiz é caracterizada por não ser constituída por uma classe monolítica de elementos, mas, sim, por ser compostas por diferentes subclasses semânticas de elementos (de volição, obrigação, habilidade e permissão).

<sup>13</sup>Por entre os núcleos funcionais aspectuais expressos agora no texto, posicionam-se o núcleo T°(anterior), já mencionada antes no texto, e o núcleo Voice°, que é relacionado à categoria verbal de Voz, sobre o qual falaremos logo em seguida após os núcleos aspectuais. Omitimos a presença desses dois núcleos para fins de facilitação da exposição e apresentação dessas projeções.

[*habitual* (Asp<sub>habitual</sub>) [*again* Asp<sub>repetitive (I)</sub> [*often* Asp<sub>frequentative (I)</sub> [*quickly* Asp<sub>celerative (I)</sub> [*no longer* Asp<sub>terminative</sub> [*still* Asp<sub>continuative (I)</sub> [*always* Asp<sub>perfect</sub> [*just* Asp<sub>retrospective</sub> [*soon* Asp<sub>proximative</sub> [*briefly* Asp<sub>durative</sub> [*characteristically*(?) Asp<sub>generic/progressive</sub> [*almost* Asp<sub>prospective</sub> [*completely* Asp<sub>Sg Completive (I)</sub> [*tutto* Asp<sub>P1 completive</sub> [*fast/early* Asp<sub>celerativo (II)</sub> [*again* Asp<sub>repetitive (II)</sub> [*often* Asp<sub>frequentative (II)</sub> [*completely* Asp<sub>completive (II)</sub>]

O núcleo aspectual habitual (*habitual aspect*) é definido por descrever um “estado, processo ou evento” (MATEUS *et alli, supra*) ou uma situação caracterizando-a em um “período estendido de tempo”, segundo CINQUE (*supra*). Além disso, o aspecto habitual distingue-se dos aspectos repetitivo e iterativo pelo fato de que estes últimos dois aspectos verbais apenas expressam a “mera repetição de uma situação”, enquanto aquele primeiro descreve a característica do período completamente.

Os núcleos aspectuais repetitivo-frequentativos I e II (*repetitive/frequentative aspects*) marcam, como está explícito na sua própria denominação, a repetição ou a frequência na qual um “estado, evento ou processo” ocorre; expressando se tal ação é repetida em uma única certa ocasião específica ou em ocasiões diferentes. Ele relaciona-se diretamente com a noção de categoria de Número Verbal, como exposto em (COSTA, 1990, pág.24).

Segundo a autora, o núcleo repetitivo I e repetitivo II e o frequentativo I e II não co-ocorrem e preenchem a mesma posição de especificador (Spec) na sentença, mas, sim, ocupam posições diferentes entre si na arquitetura sintática da linguagem, com a ressalva de que os repetitivo/frequentativo I preenchem posições mais altas dentro da estrutura da Sintaxe do que os repetitivo/frequentativo II <sup>14</sup>. Algumas línguas naturais, a exemplo do *Austronesian language Sobei* fornecido por CINQUE (*supra*, pág.92, 93), possuem afixos morfológicos diversos para expressarem o aspecto repetitivo/frequentativo, enquanto outras o fazem por meio de itens lexicais auxiliares e/ou advérbios somente.

O próximo núcleo funcional diretamente ligado à marcação do Aspecto verbal é o núcleo celerativo. Assim como o aspecto verbal repetitivo-frequentativo anteriormente mencionado, o núcleo aspectual celerativo também se subdivide em dois (chamados, similarmente, celerativo I e celerativo II). O aspecto celerativo, comumente, é definido como uma marcação morfológica verbal particular que expressa o fato de que a ação verbal

<sup>14</sup> Entretanto, um mesmo e único item lexical, por exemplo, os mesmos sintagmas adverbiais, podem co-ocorrer nas duas posições de núcleos aspectual repetitivo/frequentativo I e II; às vezes, isso acontece até de forma simultânea e concomitante.

desempenhou-se rapidamente.<sup>15</sup> Também, assim como ocorre com o aspecto anterior dito, os dois núcleos celerativos I e II ocupam duas posições autônomas entre si na estrutura sintática.

Outro núcleo funcional aspectual seguinte é o terminativo. O aspecto terminativo, também denominado de cessativo, é caracterizado por apresentar a ação expressa pelo verbo como tendo alcançado um ponto final de execução, embora não necessariamente tal ponto coincida exatamente com o ponto final natural de conclusão desta ação. Normalmente, o aspecto terminativo ou cessativo é expresso nas línguas através de afixos verbais, partículas auxiliares ou sintagmas adverbiais.

Após o núcleo aspectual terminativo, segue-se o núcleo funcional de aspecto continuativo (*continuative aspect*). O aspecto continuativo, segundo CINQUE, parece manter uma relação estreita com o aspecto terminativo anterior, com a diferença de que, enquanto esse último marca o determinado ponto final da ação verbal expressa, aquele primeiro expressa justamente o contrário, indicando que a ação verbal continua em execução num dado momento de fala. Contudo, apesar da estreita relação que CINQUE indica existir entre o aspecto continuativo e terminativo, ele afirma que razões empíricas ainda maiores parecem haver para que se postule que o continuativo e o terminativo ocupem núcleos funcionais separados, dentre eles, sobretudo, a mais importante, o fato de que tais núcleos só podem ocorrer na ordem terminativo > continuativo e nunca na ordem inversa continuativo > terminativo.

Por motivo de espaço limitado, abreviaremos as projeções a seguir que serão mencionadas na apresentação via comunicação oral deste trabalho. Assim, discorreremos sobre todos os núcleos funcionais da sentença apontados por CINQUE. Vimos que, de maneira geral, todos eles estão ligados a, ao menos, uma das categorias do verbo, seja esta de Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, Número ou Voz. Este é. Justamente, o ponto principal a salientar nesta apresentação.

### 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que CINQUE (1999) propõe a existência de diversos novos núcleos funcionais sintagmáticos na arquitetura sintática das línguas naturais. Estes núcleos, seguindo o autor,

---

<sup>15</sup> “(...) *a particular verbal morphology signaling that the action has been performed quickly.*”(CINQUE, 1999, pág.93).

são ordenados rigidamente na periferia esquerda da sentença dentro de uma Hierarquia Linear Universal (HLU). Vimos, também, que essas novas projeções funcionais estão, sempre, conectadas a marcação das diferentes categorias verbais, como Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, Aspecto e Número. Vimos, ainda, quais projeções funcionais ligam-se as projeções funcionais mencionadas, preenchendo-lhes a posição de núcleo. Comentamos, também, de maneira muito breve, sem maiores pormenores, que CINQUE propõe que os sintagmas adverbiais ocupem a posição de especificadores daqueles núcleos funcionais abordados. Finalmente, para concluirmos, ressaltamos que o artigo presente justifica-se por enfatizar a importância de se estudar as projeções funcionais da sentença tendo sempre em vista a interface Pragmática/Semântica-Sintaxe, isto é, levar em consideração dentro dos estudos linguísticos sintáticos questões pragmáticas/semânticas da línguas naturais.

#### 4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective**. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. “**Restructuring**” and **Functional Structure**. In: **Restructuring and Functional Heads - The Cartography of Syntactic Structures**. Vol.4. CINQUE, G. (org.). New York: Oxford University Press, 2006 a. Págs. 11 - 63.

CINQUE, Guglielmo. **Issues in adverbial syntax**. In: **Restructuring and Functional Heads - The Cartography of Syntactic Structures**. Vol.4. CINQUE, G. (org.). New York: Oxford University Press, 2006 b. Págs. 119 - 144.

CHOMSKY, Noam. **O Programa Minimalista**. Tradução, apresentação e notas à tradução: Eduardo Raposo Paiva. Lisboa: Caminho, 1999.

COSTA, João; GONÇALVES, Anabela. **Minimal projections: evidence from defective constructions in European Portuguese**. 1999. Disponível em: [ddd.uab.cat/pub/cwpil/1132256Xv7p59.pdf](http://ddd.uab.cat/pub/cwpil/1132256Xv7p59.pdf). Acesso em 26 de maio de 2010.

COSTA, João. **Subject positions and interfaces: the case of European Portuguese**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004. Também disponível em: <http://www.reference-global.com/doi/book/10.1515/9783110197396>. Livro gentilmente cedido pelo autor via correspondência pessoal.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português** – (Coleção repensando a língua portuguesa). São Paulo: Contexto, 1990.

ILARI, Rodolfo *et al.* **Considerações sobre a posição dos advérbios**. In: Castilho, A.T.(org.).**Gramática do português falado**.Vol.1: a ordem.Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p.63-141.

JACKENDOFF, R. **Semantic interpretation in generative Grammar**. Cambridge: The MIT Press, 1972.

LAENZLINGER, Christopher. **The syntax of adverbs**. In: **Comparative studies in word order variants; adverbs, pronouns and clause structure in romance and Germanic**. Amsterdam/New York: John Benjamins, 1998. Tese de doutorado.

PEREIRA, Paulo. **O posicionamento sintático dos advérbios predicativos de constituintes no português brasileiro**. Comunicação apresentada no X Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação (SEMPPG), de 11 a 13 de novembro de 2009<sub>a</sub>. Universidade Federal da Bahia (UFBA).

PEREIRA, Paulo. **Os sintagmas adverbiais predicativos de constituintes no português brasileiro**. Comunicação apresentada no V Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras (Sepesq - UFBA), de 14 a 16 de outubro de 2009<sub>b</sub>. Instituto de Letras (ILUFBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

RIZZI, Luigi. **The fine structure of the left periphery**. In: **Elements of grammar; Handbook in generative syntax**. HAEGEMAN, Liliane (editora). Kluwer Academic Publishers: Países Baixos, 1997. Págs.281 - 337.

RIZZI, Luigi. **Locality and left periphery**. In: **Structures and beyond: the cartography of syntactic structures**. Vol.3. Oxford University: New York, 2004. Págs.223-251. Disponível também em: [www.uni-leipzig.de/~muellerg/rizzi.doc](http://www.uni-leipzig.de/~muellerg/rizzi.doc).